

Os Frutos do Espírito:

Manifestações da Natureza Divina e Sinais da Vida em Cristo

Introdução

Os Frutos do Espírito representam um aspecto fundamental da maturidade cristã e uma manifestação tangível da obra transformadora de Deus no crente.

A sua cultura não é meramente um esforço moralista, mas um resultado sobrenatural da presença interior do Espírito Santo, refletindo a própria natureza de Deus.

A fidelidade, por exemplo, é um fruto do Espírito que revela a essência divina, conforme declarado: "Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor".

Esta afirmação inicial estabelece que o crescimento espiritual, evidenciado por estes frutos, é fundamentalmente sobre tornar-se mais semelhante a Deus em caráter, e não apenas sobre o cumprimento de deveres religiosos.

Tal perspectiva eleva a discussão de uma lista de virtudes morais para uma profunda verdade teológica sobre a união do crente com Cristo e a obra do Espírito em conformá-lo à imagem divina.

O presente estudo visa explorar sistematicamente a profundidade teológica, as implicações práticas e os fundamentos bíblicos de aspectos-chave do Fruto do Espírito, incluindo a sua distinção dos dons espirituais, o seu papel como sinal de salvação e as bênçãos que concedem.

I. A Fidelidade do Crente: Reflexo da Natureza Divina

A Fidelidade Imutável de Deus e Suas Promessas

A fidelidade de Deus serve como o padrão supremo e a fonte para a fidelidade humana.

A Sua fidelidade é imutável e inabalável, mesmo quando os seres humanos demonstram infidelidade: "Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo".

Esta imutabilidade da fidelidade divina, apesar da infidelidade humana, sublinha a graça e a soberania de Deus.

Isso indica que o caráter de Deus é o alicerce sobre o qual a fidelidade humana é construída e sustentada, e não o contrário, onde a fidelidade humana seria um pré-requisito para a fidelidade de Deus.

Essa dinâmica sugere uma relação de iniciativa divina e resposta humana.

A fidelidade divina é demonstrada através de promessas abrangentes que cobrem todo o espectro da jornada espiritual do crente:

- **Chamada para Salvação:** Deus é fiel em Seu chamado, e Ele cumprirá o que prometeu: "Fiel é o que vos chama, o qual também o fará".
- **Perdão dos Pecados:** Ele é "fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça".
- **Proteção na Tentação:** Deus é fiel e não permitirá que o crente seja tentado além de suas forças, provendo sempre um escape: "mas fiel é Deus, que vos não deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar".
- **Santificação:** O próprio Deus da paz santificará o crente completamente: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo...".

Estas promessas demonstram a fidelidade ativa de Deus em todas as fases da vida espiritual do crente: desde o chamado inicial e a salvação, passando pelas lutas contínuas com o pecado e a tentação, até a santificação final.

Essa demonstração holística da fidelidade divina indica que Deus não é um observador distante, mas um agente intimamente envolvido e consistente em cada estágio do crescimento e perseverança do crente.

Assim, a segurança do crente é profunda, sabendo que o caráter de Deus garante sua participação ativa e provisão contínua.

A operação do Espírito Santo permite ao crente alcançar a misericórdia de Deus para ser fiel, como "quem tem alcançado misericórdia do Senhor para ser fiel".

Isso contrasta com a busca do diabo para corromper a fidelidade dos crentes, a ponto de questionar "mas o homem fiel quem o achará?".

Essa justaposição entre a misericórdia capacitadora de Deus e a influência corruptora do adversário revela um campo de batalha espiritual onde a fidelidade humana é o prêmio.

Isso sugere que a fidelidade não é apenas uma virtude, mas uma arma espiritual ou um mecanismo de defesa contra forças adversárias, sustentada pela graça divina.

A fidelidade é, portanto, uma forma de resistência espiritual, tornando-se crucial para a resiliência do crente.

A Fidelidade como Natureza Divina e Seus Aspectos na Vida Cristã

Pela experiência da salvação, o crente participa da fidelidade, que é a natureza de Deus: "Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina...". Essa participação na natureza divina através da fidelidade eleva o Fruto do

Espírito de uma mera melhoria moral a uma profunda transformação espiritual.

Isso significa que a verdadeira fidelidade é uma manifestação da união do crente com Deus, onde os atributos divinos são genuinamente transmitidos e expressos através da vida humana.

A fidelidade é, assim, uma qualidade intrínseca do eu renovado, e não uma modificação comportamental externa.

A fidelidade é fundamental em vários aspectos da vida cristã, demonstrando sua natureza abrangente:

- **Na chamada para o ministério:** A fidelidade é um critério para o serviço, como Paulo testificou: "...porque me teve por fiel, pondo-me no ministério...".
- **Na obediência à Palavra de Deus:** A falta de fidelidade leva à desobediência: "Porque o seu coração não era reto para com ele, nem foram fiéis ao seu concerto".
- **Para não entristecer o Espírito Santo:** A fidelidade é essencial para manter a sensibilidade espiritual e não entristecer o Espírito: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção".
- **Para com a casa de Deus:** Assim como Moisés foi fiel em sua casa, Cristo é fiel sobre a Sua própria casa, que somos nós: "...Moisés foi fiel em toda a sua casa. Mas Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa; a qual casa somos nós...".
- **Para com os irmãos na fé e ao próximo:** A fidelidade se manifesta no tratamento honesto e amoroso para com os irmãos e estranhos:

"Amado, procedes fielmente em tudo o que fazes com os irmãos, e para com os estranhos".

- **Nas palavras e ações:** A integridade na fala é um sinal de fidelidade: "Seja o vosso falar: Sim, sim; não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna".

A natureza abrangente da fidelidade em ministério, obediência, sensibilidade espiritual, mordomia da casa de Deus, relacionamentos interpessoais e integridade na fala e ação revela-a como uma virtude fundamental que sustenta todos os aspectos da vida cristã.

Isso indica que a falta de fidelidade em uma área pode ter efeitos em cascata, comprometendo a autenticidade e a eficácia de toda a caminhada do crente.

A fidelidade atua como um princípio unificador, garantindo a consistência entre a crença e o comportamento.

Exemplos de Fidelidade na Igreja Primitiva

A fidelidade era uma característica reconhecida e altamente valorizada na igreja primitiva, com muitos irmãos sendo elogiados por essa qualidade. Exemplos notáveis incluem:

- **Timóteo:** "Por esta causa vos enviei Timóteo, que é meu filho amado, e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo, como por toda parte ensino em cada igreja".
- **Tíquico:** "Ora, para que vós também possais saber dos meus negócios, e o que faço, Tíquico, irmão amado, e fiel ministro do Senhor, vos informará de tudo".
- **Epafras:** "Como aprendestes de Epafras, nosso amado conservo, que para vós é um fiel ministro de Cristo".

- **Onésimo:** "Juntamente com Onésimo, amado e fiel irmão, que é dos vossos; eles vos farão saber tudo o que por aqui se passa".
- **Silvano:** "Por Silvano, vosso fiel irmão, como cuido, escrevi abreviadamente exortando e testificando que esta é a verdadeira graça de Deus, na qual estais firmes".
- **Antipas:** "...e reténs o meu nome, e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita".

A consistente exaltação de vários indivíduos como "fiéis" em diferentes contextos do Novo Testamento (cartas pastorais, epístolas gerais, Apocalipse) sugere que a fidelidade era uma característica reconhecida e altamente valorizada na igreja primitiva.

Isso indica que a fidelidade não era apenas um ideal abstrato, mas uma qualidade prática e observável que contribuía significativamente para a força e o testemunho da comunidade cristã nascente, servindo como modelo para os crentes contemporâneos.

Esses exemplos demonstram que o cultivo da fidelidade é uma realidade vivida, crucial para a saúde e expansão do Reino de Deus.

II. A Mansidão de Cristo: Um Caminho de Força e Sabedoria

A Mansidão de Cristo e a Fraqueza Humana

A mansidão é um fruto do Espírito que se manifesta na maneira afável de tratar as pessoas, tendo Cristo como o exemplo supremo: "e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração...". A mansidão é praticada quando o Espírito domina o sentimento do crente. O próprio Cristo, quando injuriado, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente.

A ênfase no domínio do Espírito sobre os sentimentos na prática da mansidão, juntamente com o exemplo de não retaliação de Cristo, revela que a verdadeira mansidão não é passividade, mas uma força sobrenatural derivada do autocontrole e da confiança na justiça divina. Isso sugere que a mansidão é uma virtude contracultural, exigindo capacitação espiritual para se manifestar em um mundo propenso à retaliação.

O profeta Isaías vaticinou sobre a mansidão de Cristo, descrevendo-o como uma ovelha muda diante de seus tosquiadores. O apóstolo Paulo também fez menção à mansidão e benignidade de Cristo.

Apesar de ser uma característica própria do crente espiritual, nem sempre é possível conservá-la. Moisés, considerado o homem mais manso da velha aliança, num momento de fraqueza, quebrou as tábuas da lei por ficar irado com a idolatria do povo de Israel.

Este exemplo serve como uma ressalva crucial, mostrando que mesmo indivíduos cheios do Espírito são suscetíveis a momentos de fraqueza humana e raiva. Isso indica que a mansidão é um processo contínuo de rendição e dependência, e não uma conquista estática. O Senhor ensinou a necessidade de ser manso: "Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que te houver tirado a capa, nem a túnica recuses".

A Mansidão Gerada pelo Espírito e Suas Implicações

A operação do Espírito Santo gera a mansidão na vida do crente, capacitando-o a restaurar outros com gentileza: "Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido em alguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado".

A instrução para "encaminhar com espírito de mansidão" enquanto se "olha por si mesmo" indica que a mansidão não é apenas para o benefício daquele

que está sendo restaurado, mas também uma medida protetora para o restaurador. Isso sugere que a mansidão genuína promove a humildade e a autoconsciência, prevenindo a autojustiça e a potencial tentação.

A mansidão identifica o crente espiritual, aquele que vive segundo a lei do espírito de vida em Cristo Jesus. Nunca o crente poderá ser manso sem possuir esse fruto do Espírito, e dele depende para viver neste mundo agitado. Ao servo do Senhor não convém contender, mas sim ser manso para com todos, apto para ensinar e sofredor.

Ser manso não é ser medroso, mas enérgico, ativo, corajoso, e apto para exercer sua autoridade com ações, como escreveu o apóstolo Paulo aos Gálatas, exigindo a necessidade de ter zelo e amor, e de levar as cargas uns dos outros: "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo".

A mansidão não exclui o Espírito de ação, mas a prática da justiça para manter a integridade dos crentes: "Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão".

A distinção entre mansidão e medo, enfatizando sua natureza ativa, energética e corajosa, desafia concepções comuns de mansidão como fraqueza. Isso indica que a verdadeira mansidão é uma força dinâmica que capacita os crentes a se engajarem com o mundo e a abordarem a injustiça a partir de uma posição de força espiritual e amor, em vez de uma retirada passiva. A mansidão gerada pelo Espírito proporciona a fortaleza interna para agir de forma decisiva e justa, sem recorrer à agressão carnal.

A Mansidão na Instrução, Resposta e Sabedoria

A mansidão é intrinsecamente ligada à eficácia na comunicação e no testemunho.

O apóstolo Paulo recomendou a Timóteo ensinar com mansidão: "Instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade".

Da mesma forma, o apóstolo Pedro aconselhou a responder com mansidão aos que pedirem a razão da vossa esperança: "E estai preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós".

A mansidão está ligada à sabedoria de Deus: "Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom trato as suas obras em mansidão de sabedoria".

Ela também faz parte da conduta do crente para herdar a terra prometida: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra".

A contenda e irritabilidade não agradam a Deus, porque são próprias daqueles que se exaltam a si mesmos.

A mansidão ensina a respeitar as autoridades: "Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores, porque não há potestade que não venha de Deus...".

A ligação consistente da mansidão com a instrução eficaz, o evangelismo respeitoso, a sabedoria divina e a promessa de herdar a terra, a posiciona como uma virtude estratégica tanto para o crescimento espiritual quanto para o impacto social.

Isso indica que a mansidão não é meramente um traço pessoal, mas uma ferramenta poderosa para influência, reconciliação e o estabelecimento dos princípios do Reino de Deus na terra.

Ao promover a humildade e a paz, a mansidão cria um ambiente propício ao aprendizado e à compreensão, tornando o crente um agente mais impactante para os propósitos de Deus.

III. A Temperança: Domínio Próprio e Liberdade em Cristo

Moderação, Consagração e Controle dos Impulsos

A temperança é o fruto do Espírito que ensina o crente a ser moderado, ter domínio próprio e governar bem a sua vida sem cometer excessos no falar, nas ações, no comer e no trabalhar.

A graça de Deus nos capacita a saber com temperança, conforme a medida da fé que Ele repartiu a cada um.

A falta de temperança foi um fator na vida do rei Salomão, que, apesar de sua sabedoria, teve seu coração pervertido por suas mulheres na velhice, seguindo outros deuses.

O exemplo da falha de Salomão, apesar de sua sabedoria e devoção inicial, serve como um aviso severo de que a temperança não é um subproduto automático do dom espiritual ou da bênção inicial.

Isso indica que mesmo indivíduos altamente favorecidos exigem vigilância constante e o cultivo do autocontrole para evitar o comprometimento espiritual e a decadência moral.

A moderação é fundamental para evitar excessos nos desejos e paixões que se opõem à vontade de Deus, permitindo que o crente possa andar em Espírito: "...Andai em Espírito, e não cumprireis as concupiscências da carne".

O alicerce da temperança é uma vida consagrada a Deus, para que o Espírito tenha liberdade de operar: "Ora, o Senhor é Espírito, e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade".

Deus nos deu o espírito de moderação para que pudéssemos controlar os impulsos da carne, permitindo-nos viver no Espírito.

A conexão entre temperança, vida consagrada e a "liberdade do Espírito" revela um paradoxo: a verdadeira liberdade em Cristo é encontrada não na libertinagem, mas no autocontrole.

Isso sugere que a temperança não é restritiva, mas libertadora, capacitando o crente a superar a escravidão dos desejos carnis e a viver em alinhamento com a vontade divina.

A liberdade, neste contexto, é a liberdade da tirania dos desejos descontrolados, alcançada através da obra do Espírito.

A Sabedoria Divina e o Domínio da Carne

A verdadeira sabedoria é concedida pelo Espírito Santo para que o crente seja moderado segundo a vontade de Deus e consiga subjugar a natureza da carne: "Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado".

A fé é a medida exata para o crente receber a porção da sabedoria de Deus e colocar em prática a Sua vontade.

O Espírito Santo sabe repartir a sabedoria a cada um como quer, para que o crente possa ser útil.

A sabedoria que vem do alto é moderada e protege o crente contra as impurezas da carne. Aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus.

A ênfase na sabedoria divina como a força capacitadora para subjugar a carne e exercer a temperança sugere que o autocontrole não é meramente um ato de força de vontade, mas uma dotação sobrenatural.

Isso indica que a verdadeira temperança é uma manifestação da sabedoria de Deus operando dentro do crente, fornecendo discernimento e força além

da capacidade humana para navegar em escolhas complexas e resistir à tentação.

Buscar a sabedoria de Deus é, portanto, um pré-requisito para um autocontrole eficaz, destacando a dimensão espiritual deste fruto.

Renúncia à Impiedade e a Verdadeira Liberdade

O fruto da temperança capacita o crente a renunciar à impiedade e às concupiscências mundanas, vivendo "sóbria, e justa, e piamente", e buscando a santificação para permanecer na vontade de Deus.

A moderação ensina ao crente que nem tudo que é lícito convém: "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam".

O cuidado com as coisas lícitas deve ser redobrado, pois às vezes pode ser um hábito, um costume, um convite social, que parece algo lícito, mas analisando mais precisamente, pode-se constatar prejuízos à vida espiritual.

O aviso de que "nem tudo que é lícito convém" no contexto da temperança revela uma compreensão sofisticada do discernimento espiritual.

Isso indica que a temperança vai além de evitar o pecado direto; ela envolve uma avaliação proativa de hábitos e escolhas que, embora não sejam inerentemente pecaminosos, podem dificultar o crescimento espiritual ou levar a compromissos.

Isso sugere um padrão de vida mais elevado, guiado pela sabedoria do Espírito.

A liberdade evangélica tem sido adulterada por muitos crentes, que, para justificar suas obras, citam o versículo: "e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade".

No entanto, essa liberdade não defende a prática do pecado.

A temperança aparece nas palavras do verdadeiro crente, sendo sempre agradável e temperada com sal, para que saiba como convém responder a cada um.

A clarificação de que a "liberdade do Espírito" não justifica a prática do pecado, mas se manifesta como temperança na fala, aborda diretamente um uso teológico comum e equivocado do conceito de liberdade.

Isso indica que a genuína liberdade espiritual é caracterizada por uma expressão disciplinada e uma conduta responsável, refletindo a obra de santificação do Espírito, e não a indulgência carnal.

A presença do Espírito concede liberdade do domínio do pecado, que então se expressa como autocontrole e conduta responsável.

IV. Dons e Frutos do Espírito: Propósitos Distintos para a Edificação

Distinção Fundamental

A distinção entre dom e fruto é verificada na operação do Espírito Santo com propósitos diferentes.

O dom é uma operação visando a utilidade do crente na obra de Deus: "Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil".

O fruto é uma operação que depende da consagração do crente: "Portanto, pelos seus frutos os conhecereis".

Essa distinção é fundamental e implica que o caráter (fruto) é primordial em relação ao carisma (dons) para a verdadeira maturidade espiritual e aprovação divina.

Isso sugere que, enquanto os dons são concedidos pela soberania divina, o fruto é cultivado através da cooperação humana com o Espírito, refletindo uma transformação genuína.

O Dom: Dádiva para Edificação e a Necessidade do Fruto do Amor

O dom é uma dádiva concedida ao crente visando a edificação da igreja e deve ser usado de acordo com a doutrina da palavra.

O dom testifica do poder e perfeição de Deus: "Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito, vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação".

Contudo, o dom só deve ser usado com uma vida de fruto, e principalmente o fruto do amor, pois não adianta o crente falar em línguas, ter fé de maneira a transportar os montes, conhecer os mistérios e ciência de Deus, se não tiver amor nada tem valor.

O uso do dom sem pureza no coração provoca contaminação.

O portador do dom deve ter uma vida consagrada a Deus, para que a operação do Espírito não seja impedida na igreja, pois o dom não prova a qualidade do crente, sim o fruto: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine".

A forte ênfase de que os dons sem amor são inúteis e podem até ser contaminantes indica que o poder espiritual sem caráter espiritual é perigoso e contraproducente.

Isso ressalta um aviso crítico contra a priorização de manifestações externas em detrimento da transformação interna, sugerindo que a verdadeira medida da autenticidade espiritual reside no fruto, e não na exibição de dons.

A ausência de amor, um fruto, torna qualquer dom sem valor.

O Fruto: Resultado da Operação do Espírito e a Qualidade do Crente

O fruto é o resultado da operação do Espírito no coração do crente, para que a vida de Jesus Cristo se manifeste nele através das suas obras: "Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus em nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos".

O fruto do Espírito aparece na vida do crente que é nascido de novo e que foi gerado pela palavra de Deus.

O ideal para realizar a obra de Deus é ter uma vida de fruto associada ao dom para que o poder do Espírito seja plenamente revelado, como foi no ministério de Jesus Cristo.

A qualidade do crente é revelada pelo fruto do Espírito, assim ele poderá ser usado como portador do dom em operações prodigiosas.

Todavia, é perfeitamente possível usar também um dom sem ter uma vida de fruto, mas, pela ausência do fruto tudo perde o valor: "E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria".

A afirmação de que o "ideal" é o fruto associado aos dons indica uma relação sinérgica onde os dons são maximizados em eficácia e aprovação divina quando fluem de uma vida de caráter.

Isso sugere que, embora os dons possam operar independentemente do fruto, seu verdadeiro propósito e impacto são realizados apenas quando fundamentados na maturidade espiritual.

O fruto valida e aprimora o impacto dos dons, garantindo que sejam usados para a glória de Deus e não para a autopromoção.

Dons sem Fruto: Advertência e Julgamento

A Bíblia apresenta exemplos claros de manifestações de dons espirituais sem o correspondente fruto de caráter, servindo como uma advertência solene:

- **Igreja de Corinto e Saul:** A igreja de Corinto possuía todos os dons, contudo, foi repreendida por sua contenda e carnalidade. O rei Saul, mesmo após ser reprovado por Deus, profetizou no meio de uma companhia de profetas, mas isso não produziu resultado algum senão o de se expor ao ridículo.
- **Sansão e Caifás:** Sansão, apesar de ter uma grave mancha moral em sua vida e mentir com frequência, o Espírito de Deus operava por meio dele. O sumo sacerdote Caifás profetizou quando propunha a morte de Jesus Cristo.

O padrão consistente de indivíduos ou grupos manifestando dons espirituais sem o correspondente fruto espiritual serve como uma profunda advertência teológica.

Isso indica que a mera presença de manifestações sobrenaturais não é um sinal definitivo de aprovação divina ou salvação, podendo até ser enganosa. Isso ressalta a importância crítica de discernir a verdadeira autenticidade espiritual através do caráter (fruto), em vez de depender apenas de exhibições de poder externas.

O poder soberano de Deus pode operar através de indivíduos independentemente de seu estado espiritual, mas essa operação não equivale a um endosso divino de seu caráter nem garante sua salvação.

Esses exemplos servem de advertência para a igreja permanecer em oração e consagração, pois o Senhor testificou: "Muitos me dirão naquele Dia, Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não

expulsamos demônios? Em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós os que praticais a iniquidade".

Aos pastores compete a análise dos casos duvidosos, e não permitir o uso dos dons sem a presença dos frutos.

A instrução explícita para os pastores "analisarem casos duvidosos" e "não permitirem o uso de dons sem a presença de frutos" revela uma responsabilidade pastoral crítica para salvaguardar a integridade espiritual da igreja.

Isso indica que o discernimento do fruto não é meramente um exercício acadêmico, mas uma necessidade prática para a liderança da igreja, crucial para manter a pureza, prevenir o engano e garantir a genuína saúde espiritual dentro da comunidade.

Para maior clareza sobre as distinções abordadas, a tabela a seguir compara os Dons e os Frutos do Espírito:

Característica	Dons do Espírito	Frutos do Espírito
Natureza	Manifestações de poder	Manifestações de caráter
Origem	Dádiva soberana de Deus	Resultado da operação do Espírito Santo e da consagração do crente
Propósito Principal	Edificação e utilidade da igreja	Transformação do caráter do crente, manifestando a vida de Cristo
Indicação de Qualidade Autenticidade	Não provam a qualidade espiritual do crente	Sinal da qualidade do crente e de salvação
Dependência do Amor	Sem amor, nada valem	O amor é o fruto primordial e a base para os demais

V. O Fruto como Sinal de Salvação: Manifestação da Sabedoria Divina

O Fruto do Amor como Sinal de Salvação

O fruto do amor é um sinal de salvação, pois por ele temos comunhão com Deus e uns com os outros: "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque a caridade é de Deus; e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus".

Identificar o amor como o principal sinal de salvação e comunhão com Deus e com os outros eleva o amor a um conceito teológico fundamental.

Isso indica que a salvação genuína não é apenas uma declaração legal, mas uma experiência transformadora que inerentemente reorienta a capacidade de afeto divino e humano.

A presença do amor é, portanto, a evidência mais convincente de um novo nascimento, tornando-o o teste decisivo para a autenticidade espiritual.

A Sabedoria que Vem do Alto e a Evangelização

A palavra ensina a produzir o fruto do Espírito, evidenciado pelo bom trato e pelas obras: "Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom trato as suas obras em mansidão de sabedoria".

A verdadeira sabedoria vem pela palavra, por isso o crente deve estudá-la e obedecê-la para que o Espírito Santo opere com liberdade.

O fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz.

A vida de fé e constante meditação na palavra comunica a sabedoria divina, que é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia.

A sabedoria para divulgar o evangelho faz do crente uma estrela refulgente: "e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente".

Esta foi a ordem transmitida pelo Senhor: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura".

A evangelização tem prioridade na missão da igreja: "Porque, se anuncio o evangelho, não tenho do que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação, e ai de mim, se não anunciar o evangelho".

A forte conexão entre a sabedoria divina (manifestada em frutos como paz, misericórdia, bons frutos) e o imperativo da evangelização sugere que o testemunho eficaz não é meramente sobre a proclamação verbal, mas é capacitado e autenticado por uma vida vivida em sabedoria e fruto.

Isso indica que o cultivo do Fruto do Espírito é um pré-requisito para um evangelismo impactante, pois demonstra o poder transformador do Evangelho.

A credibilidade da mensagem está intrinsecamente ligada ao caráter do mensageiro.

Sabedoria Divina vs. Sabedoria Humana

O fruto do Espírito não é resultado da cultura nem da ciência humana.

Aqueles que são sábios segundo o mundo quase sempre são soberbos e preferem ser chamados de mestres, mas o crente não busca exhibir a vaidade da sabedoria humana, nem tem o sentimento faccioso em seu coração.

A sabedoria terrena é animal e diabólica, cheia de inveja amarga e facções.

Os falsos mestres não conhecem a sabedoria de Deus e, quando se apresentam, buscam sempre glórias para si mesmos, bem ao contrário do servo de Deus, que rejeita a vanglória e age sempre por humildade, considerando os outros superiores a si mesmo.

O crente evita as discussões polêmicas de nenhum valor e procura tratar o próximo com respeito, educação e mansidão.

O contraste acentuado entre a sabedoria divina (que leva ao fruto, humildade, paz) e a sabedoria humana (que leva ao orgulho, inveja, faccionalismo) revela uma dicotomia espiritual fundamental.

Isso indica que a fonte da sabedoria de uma pessoa dita a natureza de seu caráter e o impacto de suas ações, destacando a necessidade de discernir e rejeitar abordagens mundanas em favor da transformação guiada pelo Espírito.

A Verdadeira Sabedoria e a Paz da Justificação

A verdadeira sabedoria procede do coração de Deus, em quem não há nenhum vestígio de sentimento mundano, como a inveja e a amargura, as quais provocam tantas divisões na igreja e impedem as suas bênçãos.

A sabedoria que vem do alto se manifesta num bom tratamento para com os irmãos na fé e ao próximo, caracterizado por amor não fingido, aborrecimento do mal e apego ao bem, amando-se cordialmente uns aos outros com amor fraternal e preferindo-se em honra uns aos outros.

O crente que tem o fruto do amor no coração desfruta da sabedoria do alto, por isso sabe usar da bondade e misericórdia para com todos, e ser um servo bem-aventurado: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia".

O fruto da justiça é semeado na paz, que é um fruto do Espírito Santo, o qual foi ganho por Jesus Cristo na cruz, a fim de que pudéssemos ser justificados pela fé: "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo". Ele sofreu o castigo para nos trazer a paz.

A culminação desta seção, que liga o fruto do amor e da sabedoria à paz da justificação e à obra curadora de Cristo, indica que a manifestação interna do Fruto do Espírito (especialmente amor e paz) não é meramente uma virtude pessoal, mas uma evidência tangível da reconciliação com Deus, fluindo diretamente da obra redentora de Cristo. Isso conecta a manifestação prática dos frutos à doutrina teológica central da salvação.

VI. As Bênçãos Inestimáveis do Fruto do Espírito

O fruto do Espírito Santo traz incontáveis bênçãos para o crente e também para a igreja, pois a permanência em Cristo é essencial para a frutificação: "Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesmo não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim".

Comunhão com Cristo e a Alegoria da Videira

A comunhão com Cristo é fundamental para que o Espírito opere no coração do crente e o abençoe com ricas dádivas de Deus: "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito".

A união íntima entre Jesus Cristo e o crente é ilustrada na alegoria da videira verdadeira, onde a vara para dar fruto precisa estar ligada ao tronco: "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto".

Esta ilustração revela duas qualidades de crentes na igreja:

- **Crentes Ligados a Cristo:** Aqueles que estão ligados a Cristo e recebem vida diretamente Dele para darem frutos: "Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer".

- **Crentes Não Ligados a Cristo:** Aqueles que não estão em Cristo podem ser cortados e lançados fora: "Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem, e lançam no fogo, e ardem". Isso se refere aos falsos crentes que serão lançados fora na vinda do Senhor Jesus Cristo.

A alegoria da videira estabelece explicitamente uma ligação causal e existencial entre a comunhão com Cristo e a capacidade de dar fruto.

Isso indica que a frutificação não é um esforço independente, mas uma consequência direta de um relacionamento vital e contínuo com Jesus.

Inversamente, a ausência de fruto sinaliza uma falta de conexão genuína.

A bênção mais profunda do fruto é a comunhão íntima que ele significa e promove, e sua ausência é um grave indicador de desconexão espiritual.

A Glória do Pai e a Revelação das Obras

Os crentes que vivem em comunhão com Cristo podem dar muitos frutos: "Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos".

Aqueles que vivem na carne, no entanto, não dão fruto algum e revelam um mau testemunho diante da igreja.

O verdadeiro crente é conhecido pelo testemunho; da mesma forma que a árvore boa é conhecida pelos seus frutos: "Portanto, pelos seus frutos os conhecereis".

A falsa profissão de fé, o batismo sem o novo nascimento e a participação na ceia sem a comunhão com Cristo são sinais da árvore sem fruto destinada ao fogo: "E também agora está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo".

Toda a má obra e hipocrisia dos falsos crentes será um dia revelada: "Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom quer seja mau".

As boas obras serão alvo da recompensa de Deus, e as más obras para fins de julgamento e condenação de Deus.

A conexão entre dar muito fruto e glorificar o Pai, juntamente com o aviso sobre o julgamento pela falta de fruto, indica que o fruto não é meramente um benefício pessoal, mas uma declaração pública do caráter e poder de Deus.

Isso sugere que a frutificação do crente serve como um testemunho visível da eficácia do Evangelho e será um critério chave no julgamento divino.

Libertação do Pecado e Dignidade da Vocação

Antes de sermos escolhidos para a salvação, servíamos ao pecado, pois éramos dominados pelo diabo, mas agora, feitos servos de Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, para Ele vivemos e trabalhamos, aguardando a Sua vinda.

O crente foi libertado do pecado para viver em santidade: "Mas agora, libertos do pecado, e feitos servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação, e por fim a vida eterna".

O resultado de tudo que agora somos é obra do Espírito Santo, porque aceitamos a Jesus Cristo como Salvador, e pela fé fomos feitos filhos de Deus.

O filho de Deus deve andar como é digno da sua vocação: "Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus".

A progressão da "libertação do pecado" para o "fruto para a santificação" e a "vida eterna", culminando em "andar dignamente da vocação", revela um propósito teleológico para o Fruto do Espírito. Isso indica que a frutificação não é um fim em si mesma, mas um meio para um fim maior: a santificação progressiva, a vida eterna final e o cumprimento do chamado de Deus para o crente.

O trabalho do Espírito em produzir fruto é o mecanismo para a santificação contínua e o caminho para cumprir a vocação divina, demonstrando a natureza abrangente do plano redentor de Deus.

A tabela a seguir resume as inestimáveis bênçãos que o cultivo dos Frutos do Espírito traz para o crente:

Bênção	Descrição	Referência Bíblica
Comunhão Profunda com Cristo	Permanecer em Cristo para receber vida e produzir muito fruto.	João 15:4-5
Glorificação do Pai	Através da abundância de frutos na vida do crente.	João 15:8
Testemunho Autêntico	A vida do crente é conhecida pelos frutos, revelando a verdadeira fé.	Mateus 7:20
Libertação do Pecado	Transição da servidão ao pecado para uma vida de santidade.	Romanos 6:22
Santificação Progressiva	O fruto leva à consagração contínua e crescimento na fé.	Romanos 6:22
Dignidade da Vocação	Capacidade de andar de forma digna do chamado em Cristo, frutificando em boas obras.	Colossenses 1:10
Paz com Deus e Justificação	O fruto da justiça semeado na paz, resultado da justificação pela fé.	Romanos 5:1
Sabedoria Divina	A sabedoria do alto, pura e pacífica, manifestada em bons frutos.	Tiago 3:17

Conclusão

O Fruto do Espírito, representa a autêntica manifestação da vida de Cristo no crente, distinguindo o verdadeiro discipulado de meras atividades religiosas ou exibições carismáticas.

A fidelidade reflete, a natureza imutável de Deus e é fundamental em todos os aspectos da vida cristã.

A mansidão, exemplificada por Cristo, é uma força ativa e sábia, essencial para o ensino, a resposta e a herança espiritual.

A temperança, por sua vez, é o domínio próprio que liberta o crente dos excessos e o capacita a viver uma vida consagrada, guiada pela sabedoria divina.

A cultura desses frutos não é automática, mas exige consagração intencional, permanecer em Cristo e submissão à obra transformadora do Espírito Santo.

A distinção entre dons e frutos é crucial: enquanto os dons são para a utilidade da igreja, os frutos revelam a qualidade do crente e são um sinal de salvação.

A primazia do caráter sobre o carisma, é uma advertência bíblica clara, pois a ausência de fruto pode anular o valor dos dons e levar ao julgamento divino.

Portanto, é imperativo, que os crentes busquem e cultivem diligentemente o Fruto do Espírito.

Essa busca é o caminho, para uma comunhão mais profunda com Deus, um testemunho eficaz no mundo e o cumprimento da vocação divina, resultando na glória de Deus e na recompensa eterna.

Pr. Benedito Borges.

041 991519695 WhatsApp - Pix

www.beneborges.com.br

beneborges@hotmail.com